



**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM SANTA MARIA:
O CASO DO COLÉGIO SANT'ANNA
(1905-1955)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Janete de Lourdes Mello Pereira

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM SANTA MARIA:
O CASO DO COLÉGIO SANT'ANNA
(1905-1955)**

por

Janete de Lourdes Mello Pereira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História do Brasil.**

Orientador: Prof. Dr. Vitor O. F. Biasoli

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM SANTA MARIA:
O CASO DO COLÉGIO SANT'ANNA
(1905-1955)**

Elaborada por
Janete de Lourdes Mello Pereira

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof. Dr. Vitor O. F. Biasoli
(Presidente/Orientador)**

Profa. Dra. Maria Medianeira Padoin

Prof. Dr. André Fertig

Santa Maria, junho de 2009.

AGRADECIMENTOS:

Dedico este trabalho a minha família, pela compreensão que teve quando estive ausente de suas vidas e pelo estímulo dado nos momentos de cansaço.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

EDUCAÇÃO CATÓLICA EM SANTA MARIA: O CASO DO COLÉGIO SANT'ANNA (1905-1955)

AUTORA: Janete de Lourdes Mello Pereira

ORIENTADOR: Vitor Otávio Fernandes Biasoli

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 22 de junho de 2009.

Este trabalho tem o objetivo de historiar o Colégio Sant'Anna, em Santa Maria/RS, entre os anos de 1905 a 1955, como um caso de educação católica na cidade. Para tanto, enfoca-se as transformações da Igreja Católica no final do século XIX – a consolidação do projeto ultramontano – e como essa reforma alcançou Santa Maria. Entende-se que é dentro desse processo de reforma da Igreja que é criado o Colégio Sant'Anna, pelas Irmãs Franciscanas. Essa congregação chegou ao Rio Grande do Sul em 1872 e, em Santa Maria, em 1903. Em 1905, é fundado o colégio, que se expande ao longo do século XX, ajustando-se às orientações do Estado brasileiro. Ao ensino católico são agregados os valores de respeito à Pátria e as autoridades do Estado e o Colégio Sant'Anna consolida-se como referência de ensino – não apenas católico – na cidade de Santa Maria e região.

Palavras-chave: educação católica; Igreja Católica; Colégio Sant'Anna

SUMÁRIO

Resumo	5
Sumário	6
1. Introdução	7
2. A Igreja Católica e a educação em Santa Maria	11
2.1. A família e a escola	11
2.2 A Igreja Católica	11
2.2.1 Papel da Igreja na educação brasileira	12
2.2.2 A Igreja Católica no Brasil durante o século XIX	13
2.2.3 A Igreja Católica no Rio Grande do Sul	16
2.2.4 A Igreja Católica em Santa Maria	18
3. A Congregação Franciscana e o Colégio Sant'Anna	22
3.1 Madre Madalena Daemen	22
3.2 A congregação no Rio Grande do Sul	23
3.3. A congregação em Santa Maria	24
3.4 As atividades da escola	25
3.5 O ensino católico e a formação feminina	30
3.6 O patriotismo na escola	33
3.7 Consolidação e expansão da escola franciscana	35
4. Conclusão	38
5. Referências bibliográficas.....	40

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultado de uma pesquisa a respeito da educação católica em Santa Maria e tem como foco o Colégio Sant'Anna. Em função disso, foi denominada *Educação Católica em Santa Maria: o caso do colégio Sant'Anna (1905-1955)*. O interesse por este trabalho foi motivado pelas discussões a respeito dos aspectos históricos que envolvem a Igreja Católica e a sua ação educacional na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Para dar conta do tema, pretende-se abordar a educação católica na cidade de Santa Maria, na primeira metade do século XX. Para tanto, toma-se como objeto de estudo o Colégio Sant'Anna, desde 1905 até 1955. Este recorte temporal é marcado pela data da fundação da escola, em 1905, sob o patrocínio do pároco local, num grande esforço de consolidação da Igreja na cidade, até o ano de 1955. A escola se expande durante este período, dando origem – em 1955 – a um conjunto de cursos de educação superior: Faculdade Imaculada Conceição (FIC) e FACEM. Entende-se que este recorte temporal é suficiente para avaliar os rumos da educação católica na cidade de Santa Maria.

Em relação ao tema da monografia, pode-se perguntar: Por que educação católica?. Ora, porque o catolicismo teve um papel central na formação da sociedade brasileira, desde o período colonial, e as instituições educacionais promovidas pela Igreja Católica tiveram, durante muito tempo, o monopólio do saber. Até metade do século XX, até o Estado brasileiro tomar a decisão de incentivar a escola pública, é possível afirmar que a Igreja Católica tinha o monopólio da educação. Nas escolas católicas formava-se boa parte dos meninos e meninas com educação formal completa. Na região de Santa Maria, no centro do Rio Grande do Sul, esta situação era respondida pelo Colégio Sant'Anna, para o público feminino, e o Colégio Santa Maria, para masculino, ambas escolas dirigidas por congregações religiosas católicas e afinadas com a Igreja.

Assim, a Igreja Católica constituiu-se numa instituição fundamental na formação social brasileira e esteve ligada ao Estado, durante os períodos da Colônia e do Império. Com a República, deu-se a separação entre a Igreja e o Estado (oficializada na Constituição de 1891) e, a partir de então, a Igreja constituiu-se

numa força social e política autônoma, independente do Estado. Mesmo assim, manteve forte influência sobre a sociedade e o Estado brasileiro.

Em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no início do século XX, os estabelecimentos educacionais (tanto leigos quanto religiosos) eram poucos e insuficientes e isto mudou com o fortalecimento da Igreja no município e o estímulo do pároco local – o padre Caetano Pagliuca – para a vinda de congregações religiosas empenhadas em tarefas educacionais. Neste período, com apoio do padre Caetano, chegaram os Irmãos Maristas e as Irmãs Franciscanas, os quais deram origem a duas escolas católicas até hoje existentes e importantes na cena educacional do município: o Ginásio Santa Maria e o Colégio Sant’Anna, respectivamente.

Além das tarefas nesses estabelecimentos educacionais, as duas congregações religiosas atuaram em outras escolas (laicas), como a Escola de Artes e Ofícios (para meninos) e a Escola Santa Terezinha (para meninas), ambas criadas pela Cooperativa da Viação Férrea. Apesar da pretensão de um ensino laico, a Cooperativa não tinha professores leigos e teve de recorrer aos religiosos. As irmãs franciscanas atenderam a escola das meninas e os maristas atenderam a escola dos meninos. Afora o trabalho educacional, as franciscanas também foram fundamentais para o funcionamento do Hospital de Caridade.

A presente pesquisa monográfica justifica-se pela necessidade de compreender o peso e a importância da Igreja e da educação católicas na história social de Santa Maria e também na região. Orientada por valores evangélico-franciscanos, o Colégio Sant’Anna formou gerações de meninas e moças na região central do Rio Grande do Sul, colaborando no esforço de consolidação da Igreja Católica. Independente da nossa posição pessoal em relação à religião e a Igreja católicas, não podemos deixar de reconhecer o valor e importância que tiveram – e ainda tem – na sociedade santa-mariense.

Especificamente, esta pesquisa monográfica tem como objetivo verificar a expansão da educação católica em Santa Maria a partir do Colégio Sant’Anna. Para tanto, pretende historiar sucintamente a situação da religião e da Igreja católicas no Rio Grande do Sul, acentuando o esforço de romanização (ou reação ultramontana) promovido pelo episcopado brasileiro, em consonância com as políticas estabelecidas pelo Concílio Vaticano I (1869-1870). Entende-se que a situação da

Igreja no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, não era satisfatória (do ponto de vista do clero romanizado), tendo em vista, em parte, a formação histórica gaúcha marcada por muitas guerras e revoluções e, por isto mesmo, pouco afeita aos discursos religiosos e, principalmente, eclesiais.

Esta situação começa a mudar ao longo do século XIX, quando o episcopado brasileiro assume o projeto do ultramontanismo ou romanização. Os bispos do Rio Grande do Sul encampam essa posição e, no caso de Santa Maria, o projeto é abraçado pela Congregação dos Palotinos (no governo da paróquia local desde 1896).¹ Dentro deste esforço de expansão e consolidação do poder da Igreja, a educação foi uma das ações implementadas. A Congregação dos Palotinos, que passou a administrar a paróquia de Santa Maria (paróquia N.S. da Conceição), a partir de 1896, veio com o projeto de fortalecer a posição da Igreja no município e região. Nesse sentido, a administração do padre Caetano Pagliuca, pároco entre os anos de 1900 a 1937, foi exemplar, destacando-se o seu empenho na construção de um novo templo (1909), sua colaboração na fundação do Hospital de Caridade e seu empenho na criação de escolas católicas, conforme registro na paróquia:

Nestes sete anos [1900 a 1907] os padres palotinos fizeram os seguintes trabalhos: foi colocada a pedra fundamental da nova matriz, 8 de dezembro de 1902 (...); foi inaugurado o Hospital de Caridade, 7 de setembro de 1903 (...); foi aberto o Colégio São Luiz (...); o Ginásio Santa Maria (...); o Colégio Sant'Anna (...); reorganizado o Apostolado da Oração (...); inaugurada a Congregação Mariana das Filhas de Maria (...); fundado o Apostolado da Oração dos Moços (...); o Apostolado do Campestre. (Livro Tombo – n. 3, p. 87.)

É dentro desse quadro de atuação dos Palotinos na cidade que se dá o surgimento das escolas católicas em Santa Maria – sendo o Colégio Sant'Anna um exemplo típico e vitorioso. O Colégio Sant'Anna foi idealizado pela congregação

¹ O bispado no RGS foi criado em 1848 (Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul). Os bispos D. Sebastião Laranjeiras (que governou a diocese entre 1860 e 1888) e D. Cláudio Ponce de Leão (1890 a 1910) abraçaram o projeto da reforma da Igreja (romanização), sendo este último de forma mais incisiva. Em 1910, foram criadas as dioceses de Santa Maria, Pelotas e Uruguaiana – sendo a de Porto Alegre alçada a posição de Arcebispo. Em Santa Maria, a evolução da Igreja se deu da seguinte maneira: em 1814, o povoado ganhou a condição de Capela Curada; em 1837, Freguesia. A partir daí se constituiu como paróquia (N.S. da Conceição), atendendo a todo município e tendo a ela subordinada as capelas locais (como a de Santa Antão). Novas paróquias em Santa Maria só foram criadas após o estabelecimento do bispado local.

Franciscana da Penitência e Caridade Cristã, fundada na Holanda, em 1835, por Madalena Daemem. Hoje, o colégio pertence à Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte (Scalifra-Zn) e continua umas principais escolas da cidade.

A metodologia usada para o desenvolvimento do tema se deu a partir da pesquisa de obras já realizadas sobre Igreja e educação, mais a leitura de fontes primárias como Livro Tombo da paróquia N.S. da Conceição (Catedral) e de jornais locais.

Para fundamentar as mudanças da Igreja no final do século XIX e início do XX, mereceram destaque a tese de doutoramento de Vitor Biasoli, *O Catolicismo Ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (1870-1920)*, e o livro de Luiz Eugenio Vésicio, *O Crime do Padre Sório*. Também foram utilizadas as obras clássicas da historiografia santa-mariense: *História do município de Santa Maria*, de João Belém, e *Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho – o 1787-1930*, de Romeu Beltrão.

Para focar o Colégio Sant'Anna, privilegiou-se a obra *100 anos do Colégio Franciscano Sant'Anna*, organizado pela Irmã Valderesa Moro, publicada em 2006.

Para melhor entendimento, o presente trabalho monográfico está organizado da seguinte forma: Introdução, capítulos 1 e 2, e Considerações finais. O capítulo 1 intitula-se “A Igreja Católica e a educação” e o capítulo 2, “A Congregação Franciscana e o Colégio Sant'Anna”.

2. A IGREJA E A EDUCAÇÃO EM SANTA MARIA

2.1 A família e a escola

O ser humano nasce e se desenvolve em uma família, isto é, o conhecimento que adquire advém da cultura do círculo social mais íntimo no qual a pessoa está inserida. É a família o primeiro núcleo social do ser humano. Depois vem a escola e por fim a comunidade onde o sujeito estabelece laços profissionais e novos laços afetivos (além dos familiares).

Nesse sentido, os ensinamentos recebidos na escola têm papel fundamental e constroem a postura do indivíduo como integrante da sociedade. A educação recebida na escola forma o norte dos valores éticos e morais que irão nortear a vida dos indivíduos como adultos. A Igreja Católica ocupou esse lugar – o monopólio da educação – durante séculos e teve com função a formação dos membros da sociedade a partir de seus princípios religiosos.

É para verificar a importância da educação religiosa promovida por um colégio católico que foi feito esse trabalho. Entende-se que, construção e manutenção de uma sociedade cristã – eixo central da ação da Igreja Católica –, a atividade educacional é imprescindível.

2.2 A Igreja Católica

A Igreja Católica é também conhecida como Igreja Católica Apostólica Romana. Tem como base a doutrina estabelecida nos *Evangelhos* e coloca no Papa a autoridade máxima (infallível, a partir do Concílio Vaticano I), considerado sucessor do Apóstolo Pedro.

A doutrina da Igreja Católica objetiva o desenvolvimento da pessoa com base na fé e nos ensinamentos dos *Evangelhos*, considerado o depositário dos ensinamentos de Jesus Cristo, filho de Deus. Desta forma, ela estabelece uma regra de vida, ou seja, é através da aplicação dos conhecimentos adquiridos através da religião que o sujeito será salvo após sua morte. É por meio desses conhecimentos que o sujeito se insere na sociedade e exerce suas funções nos espaços públicos e

privados.

2.2.1 O papel da Igreja na educação brasileira

A Igreja Católica tem atuado, desde o século XVI, no esforço de colonização das terras americanas, promovido pela Coroa Portuguesa. Sua atuação principal – além de braço religioso do Estado português e da sua administração na Colônia, foi a atividade educacional. Os missionários jesuítas, por exemplo, empenhavam-se tanto na conversão dos nativos quanto na criação de escolas para os filhos dos colonizadores de elite. Durante muito tempo, os jesuítas foram os primeiros e únicos professores na Colônia.

O Estado português estava vinculado à Igreja desde a sua formação, no século XII (regime do padroado), e assim permaneceu no período em que o Brasil foi sua Colônia. Evangelizar e domesticar os nativos era função dos missionários religiosos. Assim como moldar a sociedade branca que se formava dentro dos princípios da cristandade. Estado e Igreja estavam unidos e foram as duas instituições básicas na organização da Colônia.

No campo da educação, o papel da Igreja era relevante. Ela tinha o “controle das almas na vida diária” e se constituía num “instrumento muito eficaz para veicular a idéia geral de obediência e, em especial, a de obediência ao poder do Estado” (FAUSTO, 1996, p. 60).

Para esta situação se perpetuar, é importante entender que a religião oficial do Estado era a católica e que um súdito fiel do Rei tinha de ser católico também. O súdito tanto tinha deveres em relação ao Estado quanto com a Igreja. Esta situação era a que existia no período colonial e assim continuou no período imperial, assegurada pela Constituição de 1824. Apesar de conflitos entre Estado e Igreja no Segundo Reinado – a Questão Religiosa, na década de 1870, a união entre Estado e Igreja só se extinguiu com a República.

Entendemos que esta situação de união entre Estado e Igreja, presentes nos períodos colonial e imperial, garantiram à Igreja e às escolas católicas um papel central na sociedade e na educação brasileiras. Mesmo com o surgimento da República e do esforço para criação de um ensino laico, a Igreja ainda era um dos principais locais de ensino e educação competente e eficaz. A população brasileira, majoritariamente afeita ao catolicismo, colocava seus filhos nas escolas da Igreja,

independente do crescimento de outras Igrejas e da expansão do ensino laico.

Tudo isto fortalece o entendimento de que a educação brasileira tem suas matrizes na religião católica. Como o foco desta pesquisa é criação de uma escola católica – o Colégio Sant’Anna, em Santa Maria –, convém enfatizar o entendimento da função pedagógica, numa perspectiva cristã:

A pedagogia é uma disciplina cristã e ninguém melhor do que os preservadores do Saber para transmiti-la. Para imprimi-la no “papel em branco” que são as culturas indígenas no Brasil. Que devem então, conhecer as interdições, que são os caminhos que levam para fora da barbárie e fazem com que possam estabelecer descontinuidade e, portanto conhecer a topologia do bem e do mal, da ordem e da desordem. (FLORES, 2003, p.86.).

Desta maneira, compreende-se que a pedagogia é um desdobramento de processo iniciado pela política – no caso do Brasil do século XVI, a conquista e a colonização. A prática pedagógica católica, tanto nas aldeias indígenas quanto nas vilas portuguesas do litoral, tinha a responsabilidade de garantir os princípios da cristandade na América. A escola, mesmo que voltada para um pequeno número de filhos de colonos, tinha este propósito. A compreensão imperante era de que aquilo que as armas não haviam conseguido, a escolarização poderia alcançar. Ou, aquilo que as armas iniciavam, a Igreja concluía e consolidava.

2.1.2 A Igreja Católica no Brasil durante o século XIX

Durante o século XIX, a Igreja Católica passou por uma situação de transformação. Neste período, processaram-se reformas no que diz respeito a orientação política e espiritual da Igreja, na Europa, com reflexos no episcopado brasileiro. Tratou-se de uma reação ao avanço do liberalismo e do Estado Liberal, e de outras idéias de caráter “moderno”, tidas como contrárias da tradição cristã e, principalmente, ao seu lugar na ordem política e social. Este movimento de reação chamou-se ultramontanismo ou romanização.

Na segunda metade do século XIX, com a Questão Religiosa, esta nova orientação se fez visível no cenário político brasileiro. Mas já antes disso podia-se notar uma reorganização da Igreja católica brasileira.

Quanto ao cenário eclesiástico, pode-se considerar que não há propriamente clericalismo no Brasil, até o final do século XIX:

No período anterior, a religião é principalmente vivida em pequenas localidades separada umas das outras, onde não se sente muito a influência do bispo, muito menos de Roma. As visitas pastorais são raríssimas, uma terra extensa e pouco habitada, com distâncias enormes, os únicos poderes que não se submetiam de bom grado ao serviço do sistema patriarcal eram os jesuítas mesmos. A luta entre patriarcas e jesuítas pela hegemonia sobre o Catolicismo brasileiro constituiu o grande fato da Igreja nos primeiros dois séculos. (HOORNAERT, 1998, p.78).

Na visão dos clérigos informado pelos ultramontanismo, o clero brasileiro no século XIX estava despreparado e distante dos ditames de Roma. Esta situação pode ser percebida numa espécie de rebeldia dos padres diante da autoridade dos bispos reformadores:

(...) o processo de romanização do catolicismo brasileiro que se está processando com bispos reformados encontrava alguns obstáculos, entre eles a resistência do clero secular em aceitar as novas determinações de Roma, o reduzido número de sacerdotes, a extensão das paróquias e a placitação. A placitação era aprovação ou não de documentos pontifícios pelo rei [o imperador D.Pedro II]. Ligado ao regalismo, esse direito do Estado vai passar a ser contestado pelo episcopado brasileiro que acredita que as decisões do Papa independem do poder civil. (PIPPI, 2003, p. 6.)

Vê-se, então, que, no Brasil, os bispos confrontavam-se com a subordinação da Igreja ao Estado Imperial. Este confronto explicita-se na Questão Religiosa, na primeira metade da década de 1870, quando Dom Vital, jovem bispo de Olinda, se propõe obedecer às determinações de Roma (no caso, de repúdio à Maçonaria), sem o placê do Imperador. Com este ato, o bispo de Olinda desobedece a Constituição Imperial e desencadeia uma crise política.

A atitude de Dom Vital, seguida pelo bispo de Belém do Pará e apoiada, sem grandes arroubos, por outros bispos do Brasil, evidencia uma nova posição do clero brasileiro. Um clero que privilegia a obediência ao papa e que visa uma independência da Igreja frente aos ditames do Estado.

Esses bispos formaram os quadros do movimento reformista no Brasil e combateram as concepções iluministas da Igreja [o clero liberal, como bem representava o padre Diogo Feijó], neutralizaram o clero considerado inadequado e renovaram os ocupantes de cargos importantes (BIASOLI, 2005, p. 42).

Esta nova Igreja – ligada a Roma e às determinações do Concílio Vaticano I – trabalhava na reorganização do clero, fortalecendo seu poder, disciplina hierárquica e afastando os leigos das estruturas de decisão. O caso da luta pelo controle das irmandades (tradicional espaço de religiosidade desde o período colonial) vai ser emblemático dessa disputa entre o clero e os leigos pelo controle e administração dos espaços sagrados, isto é, a direção das irmandades e suas capelas. Em outras palavras, a romanização era um movimento que atuava no sentido da clericalização da Igreja e na transformação do catolicismo tradicional.

A Igreja aspirava por autonomia:

(...) lutava por um espaço próprio, sem intervenção do Estado, e o Estado já não podia subordinar-se a princípios monopolistas da Igreja. Era evidente que a liberdade civil e a liberdade religiosa precisavam de fóruns próprios. A consolidação desses espaços tem início com a República, quando o Estado separa-se formalmente da Igreja. (VÉSCIO, 2001, p. 93).

A República representou um novo momento para a Igreja. Uma fase inicial de certa orfandade – a perda do apoio do Estado – e a posterior construção de uma autonomia em disputa pelo retorno à sua influência no campo da política. A Constituição de 1891 formalizou a separação entre Igreja e Estado, o que, a primeira vista

(...) parecia à vitória dos princípios liberais[,] significou, na verdade, a consolidação da supremacia católica no território brasileiro, pois ao separar-se do Estado, a Igreja terá autonomia para tomar suas próprias decisões. Além disso, estas medidas aproximaram a Igreja da Santa Sé. Essa, por sua vez, passou a regular a vida das Igrejas nacionais buscando mudanças nas condições e restabelecimento de sua autonomia no plano institucional. (PIPPI, 2003, p. 6.)

Tal autonomia e independência atendiam aos propósitos ultramontanos e aproximava cada vez mais padres e bispos de Roma:

A laicização do clero ilustrado é um dos pontos mais criticados pelos defensores da mentalidade ultramontana. O Catolicismo ultramontano reagiu contra o Catolicismo tradicional e o Catolicismo ilustrado. Combateu firmemente a laicização do clero procurando concentrar cada vez mais o poder eclesiástico nas mãos dos padres e bispos que se reportava a Roma, recebendo orientações diretamente do Papa. Nesse sentido a Igreja procurava afastar-se da sociedade temporal, constituindo-se em poder espiritual, inovador e renovador. (VÉSCIO, 2001, p. 96).

A consolidação dessa Igreja se fez também com o reforço de congregações estrangeiras, sintonizadas com o projeto de romanização. Várias congregações chegaram ao Brasil e muitas delas voltavam-se para atuação na área educacional, tornando-se um dos braços dessa Igreja.

Importante acentuar o caráter modernizador (apesar de também conservador, dado o apego a valores que se contrapunham ao que se entende como moderno: o liberalismo, o cientificismo, o darwinismo, o socialismo) dessa Igreja e seu aporte de congregações empenhadas em fundação de escolas e disseminação de educação orientada por valores católicos.

2.1.3 A Igreja Católica no Rio Grande do Sul

Para entendermos melhor como se processou a presença católica na educação sul-rio-grandense, faz-se necessário uma visão histórica do Rio Grande do Sul. Entendemos que, pelo fato da história rio-grandense se caracterizar por uma forte marca militar, sua sociedade não foi muito afeita à religião e à Igreja. Os conflitos militares, sejam as guerras com o Império Espanhol, as guerras contra os países platinos, as revoluções internas (Revolução Farroupilha e Federalista), não favoreceram a consolidação da Igreja. O espírito liberal e laico – majoritário no século XIX, como revela o predomínio do Partido Liberal no período monárquico – sobrepujavam o catolicismo.

Outro aspecto que dificultava a presença da Igreja – e isto especialmente no mundo rural – era a vastidão dos campos, povoados por estâncias e povoados muito distantes uns dos outros.

A diminuição do sentimento religioso, da perspectiva católica, relacionava-se à própria realidade histórica gaúcha, já que havia sido um território de povoamento e colonização tardia, de um tipo de desenvolvimento econômico singular, do militarismo permanente e formador de um tipo de sociedade aguerrida e pouco sensível aos apegos espirituais. Além disso, uma parte da população vinculava-se à estrutura fundiária das grandes estâncias; nesse caso, a distância de uma estância à outra, bem como de um povoado a outro, significa, da ótica religiosa, que 'para ouvir uma missa, era necessário vencer léguas e léguas'. (COLUSSI, 1998, p. 371).

Apesar do esforço do clero ultramontano – conduzido principalmente por bispos em sintonia com o Vaticano – a instituição católica percebia-se fraca no

contexto político-cultural da sociedade brasileira, inclusive no Rio Grande do Sul. O clero era reduzido e ainda despreparado para as duras tarefas que Roma exigia.

O isolamento e o abandono da Igreja gaúcha e a subordinação desta a uma Diocese distante fragilizava ainda mais as práticas religiosas. Da mesma forma, às práticas de um Catolicismo popular manifestado através de rezas, promessas para santos e benzedeiças, estavam muito disseminados pela província. (PIPPI, 2003, p. 9.)

Existia, especialmente no meio rural, um catolicismo popular que se sustentava autonomamente, devido à ausência do clero secular ou de sua dispersão. No início do período imperial, “a religião no Rio Grande do Sul era resultante do amálgama do mundo açoriano com o dos tropeiros de Sorocaba, dos bandeirantes de São Paulo, dos militares, dos lagunenses, das sobras do mundo indígena, dos escravos africanos” (DREHER, 2006, p. 322). Nesta forma de religiosidade, a devoção aos santos tinha um lugar de destaque – o que caracteriza o provérbio “Muita reza, pouco padre; muito terço, pouca missa”. Era um padrão de religiosidade que se mantinha sem a presença do clero, uma vivência religiosa organizada por leigos.

Esta situação preocupou a Igreja Católica no século XIX e contra ela os bispos – na medida em que se engajam na reforma ultramontana – procuraram transformá-la. Os bispos acentuaram a presença do clero na vida religiosa, controlaram as festas e devoções e as enquadraram na doutrina religiosa oficial.

Por outro lado, este mesmo quadro de religiosidade popular tinha seus defensores, assim como favoreceu a articulação de outros grupos e idéias:

A pequena presença da instituição católica no Rio Grande do Sul especialmente na metade do século XIX favoreceu, sobretudo entre a elite regional, a difusão de um pensamento anticlerical ou pouco simpático às causas e práticas religiosas. Por outro lado, o pensamento liberal conquistava adeptos e influências dentro dessa mesma elite, mais propenso aos argumentos da razão também do que da religião. A maçonaria ou os maçons recrutados no seio dessa elite regional foi adquirindo projeção social em razão também do seu modelo de organização, de sua disciplina e da própria mística em torno de ser uma sociedade ritualística e cujo segredo não chegava nunca a ser revelado aos profanos. (COLUSSI, 1998, p. 370).

No que diz respeito à Maçonaria, PIPPI (2003) deixa claro no seu trabalho o quanto a Igreja travou embates com os maçons para a fundação de escolas. Neste confronto, a Igreja valeu-se de uma brecha na Constituição Estadual de 1892, a respeito do ensino. Segundo a lei estabelecida, o Estado só podia atuar no ensino

primário, deixando o secundário para a iniciativa privada – com a justificativa de preservar a sociedade do peso e influência do Estado. A Igreja, com eficácia, ocupou esse espaço e criou e disseminou poderosas escolas de ensino secundário – ginásios e colegiais. A Maçonaria, no caso, foi incapaz de realizara a mesma coisa, pois não tinha quadros educacionais (professores) preparados.

A Igreja romanizada, obediente ao Vaticano, construía um novo catolicismo no Rio Grande e teve com a educação formal um cuidado especial. De acordo com PIPPI (2203, p. 16): “O instrumento utilizado para êxito desta tarefa será a disseminação de uma rede de escolas pelo Estado”. Essas escolas deveriam catolicizar a juventude e prepará-la como futuro grupo dirigente da sociedade e do Estado. Além disso:

Esse processo ultramontano faz parte de um processo mais amplo de modernização do País, no qual se enquadra também o reavivamento religioso. Essa modernização engloba o setor de transporte através da construção de estradas de ferro e navios a vapor; de acesso à terra, que passou a ser comprada (Lei de Terras – 1850); da economia através da criação de um sistema bancário; da composição populacional da sociedade, pelo término da escravidão e introdução de imigrante como mão-de-obra livre e principalmente, pela modernização do Estado, com a Proclamação da República, laicização do Estado e liberdade de cultos. (WERNET, 1987, P. 84.)

Percebe-se na assertiva citada que as mudanças estavam entrelaçadas em contextos maiores, desde a abolição da escravatura até ao incentivo à imigração européia, fatos estes que ocasionaram a formação da Quarta Colônia de Imigração Imperial, a trinta quilômetros de Santa Maria. Uma colônia formada por imigrantes italianos, profundamente católicos, que vai possibilitar o enraizamento de uma congregação religiosa afinada com o ultramontanismo.

2.1.4 A Igreja Católica em Santa Maria

No século XIX e início do XX, apesar do que afirma uma ampla bibliografia, a religião católica não reinava absoluta na cidade de Santa Maria:

(...) mesmo que atualmente Santa Maria seja considerada uma cidade essencialmente católica, as outras religiões tiveram e têm muitos adeptos. Esse processo de restauração católica no município, e em regiões do Estado, foi acompanhado por um movimento de instalação e expansão de outras igrejas, como anglicanas, metodista, luteranas e espíritas.

(VENDRAME, 2004, p. 107.)

Além disso, havia uma Maçonaria atuante na cidade que, mesmo não combatendo a religião propriamente, combatia a Igreja, o poder do clero e sua interpretação e uso dos Evangelhos. Nos registros do Livro Tombo da Catedral de Santa Maria, uma espécie de crônica da vida religiosa, registrada regularmente pelo pároco, encontram-se anotações em relação à atuação dos maçons:

Na última Visita Pastoral, Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano foi vítima nesta cidade de gravíssimo desacato e sua preciosa vida esteve seriamente ameaçada. O Reverendíssimo Carlos Becker, nomeado vigário desta freguesia em substituição a Acchilles Catalano, julgou do seu dever dar combate aos inimigos da religião e defender o patrimônio da fé, e três meses depois, se viu obrigado abandonar o seu posto tendo sido intimado a se retirar da cidade, e com tanta afronta para sua pessoa que o Senhor Bispo Diocesano resolveu punir a cidade com interdito (LIVRO TOMBO da Catedral de Santa Maria, 1889-1914, p. 82).

Foi nesse clima de tensão que a Congregação Palotina (a Pia Sociedade das Missões) ganhou do bispo de Porto Alegre o governo da paróquia de Santa Maria, em 1896. Em 1900, “desempenhada a difícil e arriscada missão – a de desbravar o terreno – teve padre Pedro Wimmer de ceder o lugar ao Reverendíssimo Senhor Padre Caetano Pagliuca”, o qual, engajado no movimento ultramontano, organizou sua atuação política em várias áreas, não descuidando do campo da educação formal, isto é, da criação de escolas (LIVRO TOMBO, 1889-1914, P. 82).

Uma outra área que o padre atuou foi no campo da saúde, colaborando com os médicos locais (apesar de algumas divergências) para a criação de um hospital para a cidade – o futuro Hospital de Caridade, hoje uma referência no Estado.

Padre Caetano foi um homem bastante pragmático e também de grande capacidade de articulação política. Dois anos depois de sua posse, já objetivava a construção de um novo templo. Para isto, contou com apoio de importantes pessoas da comunidade e mesmo de alguns antigos inimigos da Igreja. Para entender melhor as ações do padre, importante acentuar que a cidade se encontrava em grande fase de expansão urbana, tendo em vista o estabelecimento da estrada de ferro e, especialmente, da centralização da administração da Viação Férrea na cidade.

Confiando na proteção de Nossa Senhora, lançou o Senhor Padre Caetano a pedra fundamental na nova matriz a 08 de dezembro de 1902. Tendo sabido se impuser à confiança e estima geral do povo pelo cumprimento de seus deveres e pelas qualidades de espírito e de coração de que é dotado,

viu crescer de dia-a-dia a dedicação dos fiéis em favor das obras e com surpresa nossa e de todos aí se ostenta quase concluído o grandioso templo que será em futuro não remoto uma bela Catedral, tendo sido gasto mais de sessenta contos de reis além de grande quantidade de material oferecido gratuitamente e de outros auxílios prestados. (LIVRO TOMBO, 1889-1914, p. 83.).

Segundo DALLA CORTE (1980), pesquisadora das obras do padre Caetano Pagliuca, na época “estava faltando uma Igreja que acompanhasse o desenvolvimento material e moral da cidade”. Por isso acha-se que as mudanças faziam parte de um contexto maior, de um processo de modernização da cidade como um todo. Enquanto a obra da Catedral ia se concretizando, iam avançando outros projetos da Igreja local. O padre Caetano Pagliuca intervinha em diversas áreas, além da especificamente religiosa, como a saúde e a educação. Para o presente trabalho, cabe ressaltar a contribuição ao setor educacional, uma preocupação recorrente da Igreja Católica no período abordado.

Segundo PIPPI (2003, p. 7), “ao aprofundar-se a questão da criação de colégios católicos pode-se perceber o principal objetivo a ser alcançado pela Igreja ao investir neste setor: a cristianização das elites”.

Sobre a educação santa-mariense, pode-se dizer que em quase todo o primeiro século de existência de Santa Maria da Boca do Monte, o ensino não mereceu atenção que deveria ter. Nas primeiras décadas do século XX o analfabetismo era generalizado. O historiador João Belém, em *História do município de Santa Maria*, enfatizou que nos primórdios da freguesia, seus habitantes consideravam a escola um artigo supérfluo, fazendo o mínimo esforço para se alfabetizarem. Os primeiros moradores luso-brasileiros, entre eles incluídas as 84 famílias de origem açoriana, preferiam reivindicar a construção de uma Igreja à uma escola para seus filhos.

Na zona rural do município, a situação era ainda mais calamitosa, não existindo escolas e imperando o analfabetismo entre a população. As escolas católicas fundadas no início do século XX não vão mudar esse quadro, pois não se voltarão para toda a população – mas apenas em relação às elites. Em relação a esse setor social, a mudança será significativa.

Acerca da efetivação do projeto da criação do Ginásio de Santa Maria, mantido pelos Irmãos Maristas, BIASOLI comenta:

Maria, no livro de Comemoração Centenário de Santa Maria, 1914, revela a importância da escola na formação dos quadros de elite regional. Além dos nomes dos formados de 1909-1910, também é registrada a trajetória desses alunos em especial o seu ingresso nas escolas superiores do Brasil e da Europa. (BIASOLI, 2005, p. 162).

Pelo que se observa, o registro da trajetória dos alunos visava, ao mesmo tempo, prestigiar os alunos, estimular uma espécie de competição entre as escolas, mostrando o quanto era eficiente a educação católica. A tradição se manteve através do tempo, pois até hoje se vê lista dos alunos dessa escola que atingem o nível superior.

A educação católica de meninos e meninas era uma forma efetiva de garantir não apenas o projeto da Cristandade quanto o de consolidar a reforma católica iniciada pelo Concílio Vaticano I. A presença de uma elite católica nos postos de comando do Rio Grande do Sul é uma prova de que este projeto católico foi exitoso. No caso de Santa Maria, isto se evidencia nos quadros de formandos do Ginásio de Santa Maria, pois muitos dos rapazes que ali aparecem, mais tarde ocuparam postos de direção na política, na economia e na educação.

Sem dúvida, as escolas católicas escreveram – e ainda escrevem – páginas significativas para o desenvolvimento da sociedade rio-grandense. Uma história que muitos de nós procuramos registrar e analisar. No caso de historiar o Colégio Sant'Anna, entendemos que, além de católica, a escola se alicerça numa matriz de espiritualidade e filosofia franciscana, estabelecidas pela Congregação que fundou a escola. Uma matriz que enfocamos no próximo capítulo, onde também trataremos da história do Colégio Sant'Anna, foco do nosso trabalho.

3. A CONGREGAÇÃO FRANCISCANA E O COLÉGIO SANT'ANNA

A Congregação Franciscana tem sua matriz na ação e pensamento de Catarina Daemen, na primeira metade do século XIX. Catarina criou a ordem religiosa que veio a fundar o Colégio Sant'Anna e é seu pensamento que orienta a congregação e a instituição educacional que objetivamos estudar nessa monografia.

Para tanto, nesse capítulo, trataremos da Congregação, sua chegada no Rio Grande do Sul e, especialmente, a fundação e história do estabelecimento escolar a que deram origem na cidade de Santa Maria.

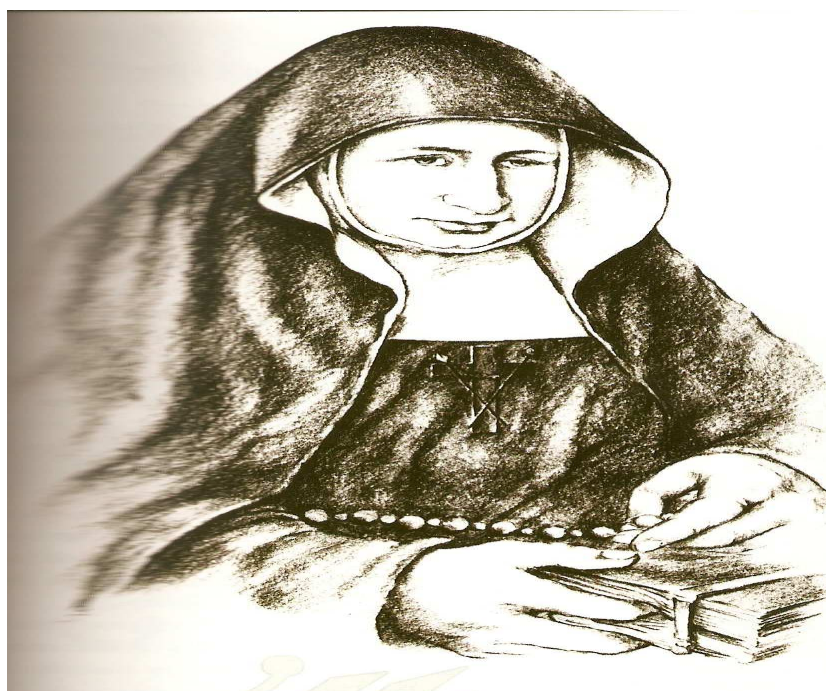


FIGURA 01 – Madre Madalena Daemen (1787-1858).
Fonte: MORO, Valderesa (org.). **Sant'Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria**. Santa Maria: Colégio Franciscano Sant'Anna, 2007, p. 8.

3.1 Madre Madalena Daemen

A Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, responsável pela criação do Colégio Sant'Anna, foi criada por Catarina Daemen, na

primeira metade do século XIX. Catarina era de origem humilde, com instrução que não ia além dos rudimentos da escrita e dos números. Mas era mulher dotada de fé inabalável e seu lema era e continua sendo importante para congregação: “Deus é bom. Deus é muito bom. Ele proverá”.

A Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã é de origem holandesa. Catarina Daemen fundou essa obra em 10 de maio de 1835, com o carisma da profunda confiança em Deus, cuja espiritualidade é franciscana. Nasceu em dezanove de novembro de 1787, período difícil da Revolução Francesa. Aos 8 anos, os franceses ocuparam o sul da Holanda, incluindo Laak, seu local de nascimento. (...) Centenas de conventos foram fechados. Havia tensão entre a Igreja e o Estado. Catarina (...) cresceu num contexto de guerra e de pobreza, mas de profunda fé. (BARIN, 2006, p. 18.)

Catarina Daemen iniciou a ensinar as crianças em 1825, na cidade de Heythuisen. Dois anos depois, três mulheres uniram-se a ela e oito mais tarde, em 1835, concretizou-se o projeto de criação de uma congregação. Em fevereiro de 1836, houve a criação oficial da congregação e Catarina adotou um novo nome, passando a chamar-se Irmã Madalena. (BARIN, 2006, p. 20-21.)

Segundo BARIN, sua obra foi alicerçada na confiança em Deus, na dedicação exemplar e no amor ao trabalho, e cresceu e transpôs horizontes. “Vivamos como verdadeiras filhas de São Francisco e Deus cuidará de nós”, dizia Irmã Madalena às companheiras. Por longo tempo ela lutará para constituir e tornar reconhecida a casa fundada e organizada por ela com o propósito de construir uma vida dedicada à oração e à assistência às criança, velhos e doentes.

Catarina, agora Madre Madalena, era umas mulheres contemplativas, animadas pela oração e é isso que ela quis para suas seguidoras. Equilíbrio entre trabalho e oração. Com apenas 52 anos, Madre Madalena foi substituída, arbitrariamente, na direção da Congregação. Ainda viveu até os setenta anos. Soube retirar-se para o silêncio de sua oração. Seu rosto amável foi presença animadora até o fim. (BARIN, 2006, p. 21).

3.2 A congregação no Rio Grande do Sul

As primeiras irmãs franciscanas chegaram ao Brasil em 1872. Elas vieram para atender aos imigrantes alemães de São Leopoldo e logo após desembarcarem, “mesmo sem casa, sem sala de aula, e à sombra de uma frondosa árvore, ministraram aulas a crianças de imigrantes” (BARIN, 2006, p. 7). A primeira escola

fundada em São Leopoldo foi dedicada a São José e existe até hoje com o nome de Colégio São José.

Na seqüência, outras escolas foram fundadas: Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Santa Cruz (1875), e Colégio N.S. dos Anjos, em Porto Alegre (1881). Ainda no final do século XIX, em Porto Alegre, também passaram a dedicar-se ao cuidado de doentes e crianças órfãs – dando início à criação do Hospital N.S. das Dores

A expansão pelo Rio Grande do Sul logo atingiu as cidades de Pelotas, Bagé, Jaguarão e, em 1903, chegam a Santa Maria. Primeiramente, vão atender ao recém concluído Hospital de Caridade, afinal “o renome das Irmãs não era só como excelentes educadoras, mas também como boas enfermeiras” (BARIN, 2006, p. 11). No Livro Tombo da paróquia de Santa Maria, tais feitos são relatados pelo padre Caetano Pagliuca como iniciativa da Igreja, isto é, trazem as religiosas para atuarem no hospital e posteriormente na área educacional eram méritos da Igreja local.

No mesmo ano de 1903, os estatutos da congregação – com o nome de Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – são publicados no jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Sintetizando a expansão da congregação no Rio Grande do Sul, a Irmã Irani Rupolo, atual Reitora do Centro Franciscano, escreveu:

A obra das Irmãs Franciscanas cresceu muito. No ano de 1947, a idéia da criação de nova Província Brasileira foi discutida (...). A informação oficial do desmembramento da Província do Sagrado Coração de Jesus para a criação de nova província brasileira ocorreu aos 18 de junho de 1949. (...) Aos 25 de março de 1951 (...), foi instalada a nova província com o nome de Imaculado Coração de Maria, na cidade de Santa Maria (...) abrangendo quatro sedes episcopais: Santa Maria, Pelotas, Uruguaiana e Passo. (...) Permaneceram na Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em São Leopoldo, as obras existentes nas cidades de São Leopoldo, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Estrela, Tuparandi e Bom Jesus. (...) a nova entidade [com sede em Santa Maria, passou a ser] denominada Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte. (In BARIN, 2006, p. 13)

3.3 A congregação em Santa Maria

Conforme indicamos anteriormente, as irmãs franciscanas vieram para Santa Maria primeiramente para atuar como enfermeiras no recém criado Hospital de Caridade – do qual participava, como um dos membros da comissão fundadora, o

pároco local, padre Caetano Pagliuca. Segundo consta no Livro Tombo da Catedral, a participação das irmãs era obra de padre Caetano e da sua congregação:

Nestes 7 anos [1900-1907, período inicial do vigariato de Caetano], os Padres Palotinos fizeram os seguintes trabalhos: foi colocada a pedra fundamental da nova Matriz (...); foi inaugurado o Hospital de Caridade, 7 de setembro de 1903, sendo o serviço doméstico entregue ao zelo das boas Irmãs Franciscanas (Livro Tombo, n. 3, p. 86v.).

O médico Astrogildo Pereira, no entanto, como principal idealizador e criador do hospital, não faz referência ao padre e apenas afirma que, para a vinda das Irmãs, houve “negociações com a superiora da Congregação de São Francisco nesse Estado”. (PEREIRA, 1914, s/p.) Seja como for, em março de 1905, as Irmãs fundaram uma escola na cidade. E aí, novamente, o pároco irá registrar que a escola era mais uma das realizações dos padres palotinos. BIASOLI endossa essa visão e entende que o Colégio Sant’Anna inseriu-se no projeto de educação básica de caráter religioso na cidade de Santa Maria. ZUCOLO também segue esta hipótese:

(...) foi por intermédio do vigário local, Padre Caetano Pagliuca, pertencente Pia Sociedade das Missões, diretamente vinculado à Santa Sé, que o Colégio foi instalado. No ano de 1903 ele já havia trazido às primeiras franciscanas para fundação do Hospital de Caridade. Também por intermédio dele, no mesmo ano da fundação do Sant’Anna, os Irmão Maristas fundaram o colégio Santa Maria. (ZUCOLO, 1990, p. 152)

3.4 As atividades da escola

No início, as atividades da escola das Irmãs Franciscanas se deram em um prédio alugado na antiga Rua Ipiranga, hoje Pinheiro Machado, em frente ao Hospital de Caridade. Logo após, em 1907, foi lançada a pedra fundamental para construção da sede atual, na Rua dos Andradas, 1658.

Nessa primeira fase da escola, encontraram-se registros de que a cidade enfrentara problema de saúde, como a peste bubônica, e que isto dificultou o funcionamento da escola.

Como a Igreja – assim como as escolas laicas da época – não admitiam um ensino semelhante para meninos e meninas, a escola das Irmãs era voltada apenas ao público feminino. Na mesma época, os Irmãos Maristas recém aportados na cidade, fundavam (1905) uma escola para os meninos: o Colégio Santa Maria. Os

meninos eram preparados para a esfera pública do trabalho, da política e da guerra, enquanto as meninas eram preparadas para a esfera privada: a casa, o cuidado do marido e dos filhos.

FIGURA 02 – Ilustração do prédio alugado onde iniciaram as aulas em março de 1905. Fonte: MORO, V. (org.). **Sant’Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria**. p. 14.



Ao surgir a escola, logo se estabeleceram os regimes de internato, semi-internato e externato. Segundo ZUCOLO:

A questão do internato aparece no primeiro ano de fundação do colégio, referindo as crônicas à ‘pedidos insistentes a favor da fundação de internato’ sob a argumentação de que Santa Maria é o ponto central da Campanha e as Irmãs poderiam contar com um número de internas. (1990, p. 153).

Santa Maria possui uma posição privilegiada em relação à zona da Campanha, acrescido do fato de que a estrada de ferro a tornava bastante acessível, e a vinda de moças das estâncias logo se tornou uma realidade. “Em 15 de fevereiro de 1906, foi concebida a licença para o funcionamento do Internato que começou com um grande número de internas” (MORO, 2007, p. 15).

Os números foram aumentando ano a ano, fazendo a escola passar por mudanças em suas instalações

Em 1907 o ano letivo iniciou em 15 de fevereiro e o colégio já contava com 100 alunas, dentre as quais, 38 eram internas. Foi então que em 1º de março de 1907 foi lançada a pedra fundamental do que hoje conhecemos como o velho prédio do Colégio Sant Anna, situado à Rua dos Andradas. Depois de um ano e meio do início da obra, em 23 de julho de 1908, foi realizada a mudança do prédio alugado para a nova sede. Em 1910, houve crescimento no número das alunas internas e externas, eram 70. Já 1911 entornam de 130, no ano seguinte 180 externas e 65 internas. De 1907 a 1912, o ano letivo sempre se iniciou em 15 de fevereiro, porém, a partir de 1913 iniciaram em 1º de março e nesse ano 260 alunas. (MORO, 2007, p. 16).

Em 1915, se nota uma preocupação quanto à formação do corpo docente. A grande maioria das Irmãs dispunha de poucos estudos, pouco espírito de iniciativa e a criatividade não era estimulada. A mentalidade da época privilegiava mais a disciplina e a severidade do que qualquer outra atitude.



FIGURA 03 – Colégio Franciscano Sant'Anna - 1907.
Fonte: MORO, V. (org.). **Sant'Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p. 15.

Desta maneira, a direção da escola vai tanto se preocupar em atender as alunas quanto aprimorar as suas professoras:

Numa atitude de aprimoramento, já em 1915, as irmãs participaram de uma reunião de professores no Colégio São José, em São Leopoldo. Notamos que, desde cedo, houve a preocupação das irmãs com o aprimoramento docente. (MORO, 2007, p. 17).

Apesar de insistirmos que o foco da escola era o público de elite, as Irmãs Franciscanas também se preocuparam em atender a outras categorias sociais, criando escolas na periferia da cidade, como no bairro Itararé, tradicionalmente ocupado por famílias de ferroviários:

O exemplo de Madre Madalena, que atendia às crianças sem orientação, em 1º de março, abriu-se na Rua Itararé, bairro Operário, e numa casa alugada, a escola dos pobres. A instituição foi consagrada à Santa Catarina, segundo a vontade do doador do espaço. No início, com poucos alunos, mas com o passar do tempo, aos poucos a escola foi se tornando conhecida e o número de alunos aumentou, significativamente. (MORO, 2007, p. 16)

Quanto ao processo avaliativo, MORO registrou:

Em 1918, adotaram pela primeira vez o boletim escolar para divulgação das notas das alunas. Isso aumentou a freqüência e o interesse pelo estudo. Talvez isso pareça insignificante hoje, mas para época esse fato era de suma importância. (MORO, 2007, p.17).

Nos anos 1919 e 1920, o número de internas e externas chegou a 356. Sobre as disciplinas oferecidas, “além das disciplinas do programa, oferecia o ensino de pintura, música: piano, harmônio, violino, bandolim, bandurra, guitarra e canto; bordado à máquina e a mão, corte e costura, civilidade e ginástica” (ZUCOLO, 1990, p. 155).

Em 1923, observa-se uma maior interação das Irmãs com a comunidade santa-mariense, quando:

No dia primeiro de julho de 1923, a escola [feminina] da cooperativa ferroviária [hoje Colégio Manoel Ribas] foi entregue às Irmãs do Sant’Anna ficando sob sua administração, até 1943. Irmã Fidélia Schimitt foi designada para lá, assessorada por duas professoras leigas. Por falta de irmãs, a escola do bairro Itararé e a escola anexa à Capela Nossa Senhora das Dores passaram a ser dirigidas somente por professores leigos. Duas vezes por semana, as crianças recebiam catequese de uma Irmã. (MORO, 2007, P. 20)



FIGURA 04 – Escola de Artes e Ofício Santa Therezinha (atual Colégio Manuel Ribas). Fonte: MORO, V. (org.). **Sant’Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p. 20.

No ano de 1927 foi criado o jardim de infância, que, segundo MORO, “já na primeira semana, contava com 35 crianças e também nesse mesmo ano, 17 alunas aprovadas pela banca examinadora formaram a 1ª série ginásial” (MORO, 2007, p. 22).

Algo interessante aconteceu em 1928, pois nesse ano a escola foi reconhecida como Seção Feminina do Ginásio Municipal Santa Maria, ou seja:

Ficava, assim subordinado à Diretoria do Ginásio Municipal Santa Maria no que se referisse à execução dos programas de ensino em suas relações com o Departamento Nacional de Ensino, sendo autônoma a parte administrativa. (ZUCOLO, 1990, p 154).

Em 1929 aconteceu a fundação do Grêmio Estudantil Rui Barbosa, que vem atuando no Colégio até os dias de hoje.

O currículo era constituído por várias disciplinas, tais como Português, Aritmética, Geografia Geral, Francês, Moral e Cívica, Desenho, História Universal, Inglês, Latim, Álgebras, Cosmografia, Física, Química, História Natural, Filosofia, Literatura Brasileira, Literatura das línguas latinas, História da Filosofia, Sociologia – mais as aulas de Pintura (ZUCOLO, 1990, p.155). O caráter literário era visível no ensino ministrado, porém, como o público era feminino, havia também muito destaque para o aprendizado das artes domésticas. BARROS assim se refere ao Colégio Sant’Anna:

Reais serviços têm prestado esta casa de instrução, pois, a par do ensino

religioso, de línguas, matemática e outras disciplinas, a educação doméstica é ali ministrada com grande aproveitamento (BARROS, 1914, p. 84).

No entendimento de ZUCOLO:

Outro aspecto precisa ser apontado (...) [era] a origem das alunas. A grande maioria das internas que vinha para o colégio era de regiões interioranas, normalmente de famílias ligadas à pecuária e à agricultura (...) e, posteriormente, de uma camada média urbana que passara a ver na instrução um meio de ascensão social (ZUCOLO, 1990 p. 211).

Esta informação corrobora com o que viemos apontando desde o início: a ênfase num público feminino de famílias de elite. O Curso Ginásial foi criado em 1927, o Curso Complementar, em 1930, e na década de 1930 a escola foi equiparado ao Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

Também na década de 1930, houve grande expansão das instalações físicas da escola. Em 1934, cem operários foram contratados e as obras se deram em ritmo intenso. Neste ano, as aulas iniciaram com mais de 300 alunas e, no decorrer do ano, o número subiu para 475 externas e 105 internas – um número jamais alcançado até então. Em 1942, instituiu-se o colegial na escola (o equivalente ao Ensino Médio de hoje) e ela passou a chamar-se Colégio Sant'Anna. Em 1946 havia 716 alunas matriculadas e, no ano seguinte, 848.

Em 1955, acontece a criação da Faculdade Imaculada Conceição (FIC). A sede provincial é transferida para o Convento São Francisco de Assis e o colégio ganha melhores condições para se desenvolver.

3.5 O ensino católico e a formação feminina

A principal característica do ensino ministrado no Colégio Sant'Anna era a orientação religiosa católica. Isto os textos pesquisados afirmam claramente e nos leva a perguntar se esta fé católica era realmente vivida pela alunas. E, se era vivida, como repercutia em suas vidas? Que influência tinha? As moças formadas pela escola se transformavam em mulheres católicas ativas?

O aspecto religioso era pano de fundo de todas as atividades cotidianas, sendo prioritárias as práticas religiosas. À instrução, uma vez que o caráter missionário do catolicismo se fazia presente na relação entre a crença de formar o homem à imagem e semelhança de Deus e os meios utilizados para tal. (ZUCOLO, 1997, p. 162).

Essas indagações acompanharam a feitura do trabalho, mas não foi possível respondê-las. Segundo MORO, foi construída uma gruta para a devoção de Maria, em 20 de maio de 1949, dentro do colégio, e tudo indica que o fato foi vivenciado com muita intensidade pelas alunas. Os espaços sagrados eram centrais na vivência das alunas, não apenas a gruta, mas também a capela:

“a capela do colégio passou, a partir daí, a ser espaço de muitos momentos importantes, como cerimônia de vestição de postulantes e profissão de noviças. A Capela do Colégio Sant’Anna sempre esteve, desde o início, a serviço da comunidade. Muitas celebrações eucarísticas e solenidades presididas pelos bispos eram realizadas nesse local. Essa tradição persiste ao longo dos anos e, até hoje, casamentos e outras solenidades são realizadas ali. (MORO, 2007.p,17)

Desta maneira, concluímos que, apesar de não termos condições de averiguar a intensidade da fé, o modo como esta era vivenciada, podemos concluir que os sinais externos de devoção eram praticados, referenciados e se tornaram tradição na escola.



FIGURA 05 – Vista interna da Capela em 1949.
Fonte: MORO, V. (org.). **Sant’Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p. 17.

A respeito da rotina das alunas no colégio, como se processava o cotidiano das internas, ZUCOLO descreve:

O dia começa, com exceção dos domingos invariavelmente, às seis horas da manhã. Higiene, missa às seis e meia, café às sete horas, aulas às sete e quarenta e cinco até o horário do almoço, meio-dia, posteriormente trocava o uniforme e iam para o pátio até às catorze horas quando eram encaminhadas para a sala de estudos onde todas, reunidas, ficavam até as quinze horas, sob a vigilância de uma Irmã. Depois horário do banho seguido do café às quinze e trinta horas. Novamente recreio no pátio e a volta para os estudos até às dezessete horas ou mais, algumas referiram que antes da janta, às dezenove horas, ficavam outra vez no pátio ou iam à Capela, enquanto outras disseram que o estudo se prolongava até a hora do jantar, vinte e trinta horas, dormir. (ZUCOLO, 1990, p. 185)

O que se percebe é uma vida muito regrada, num cotidiano sistematizado, controlado pelas irmãs. Segundo a autora, a rotina foi mantida todo tempo de existência do internato de 1905 a 1960. As alunas se queixavam da dura disciplina, mas terminavam aceitando-a, como evidencia este depoimento de uma ex-interna:

Uma coisa que eu gostava é de ir à janela. Isto me fazia falta! Ir à janela, ver a rua. Não podia ir á janela. A gente acabava acostumando. 'Não é para ir à janela', então tu não vais à janela. Mas quando tu tens um espaço 'X', tu foges e vai à janela. (...) Então tu procuras sentar naquelas filas da janela. A gente estudava e fazia assim... Espiava. Aquilo era o mundo (...). Sair inclusive, sair lá fora era uma felicidade! (...) Ninguém alegava nada, tu obedecia e pronto. Não tinha alegação (...). Tinha que entrar naquele esquema para ficar lá dentro. (depoimento coletado por ZUCOLO, 1990, p.187)

A partir desse depoimento podemos imaginar um mundo de reclusão, de isolamento e talvez negativos para a formação. Mas o conjunto dos depoimentos analisados reflete uma visão positiva dessa prática pedagógica. O rigor disciplinar, visto depois de muitos anos, é recordado como elemento central da formação do caráter.

Quanto ao lazer das internas, este também era muito controlado:

Passeios todas as semanas na chácara das irmãs franciscanas, aos domingos, em fila, dava uma volta no centro da cidade acompanhada de uma irmã, missa na catedral, excursões no período de férias, idas ao cinema quanto à temática era sacra - salienta que todas as opções culturais registradas apontam a presença do elemento religioso. (ZUCOLO, 1997, p. 187).

Dentro do internato, havia uma categoria distinta de moças, uma espécie de classe baixa da escola, formada por alunas que precisavam trabalhar – realizar serviços como varrer, lavar, passar roupa – e viviam separadas das demais alunas.

Nós chamávamos de as “Mocinhas”. Viviam separadas de nós porque elas trabalhavam... Assistiam aulas e trabalhavam. Tinham outras dependências, comiam em outro lugar... Se era outro tipo de comida eu não sei, mas eram

completamente separadas de nós. Elas trabalhavam para sobreviver. Lavavam o colégio, a louça, isso tudo. Nós... A gente pagava, então não fazia nada. Tinham algumas que até eram colegas de aula. A gente cumprimentava só, não tinha relação nenhuma... (depoimento coletado por ZUCOLO, 1990)

3.6 O patriotismo na escola

Em alguns aspectos, a proposta pedagógica desenvolvida na escola se aproximava do positivismo oficial que imperava no Estado, o qual pode ser entendido da seguinte maneira:

Os dirigentes devem sempre ser os mais capazes, isto é, aqueles que influem na educação e na cultura da espécie humana: são os sacerdotes, os filósofos, os cientistas, os jornalistas, os professores etc., ou melhor, os teóricos que modificam o pensamento dos indivíduos através de sua propagação e de sua conduta moral. (RIBEIRO, 1996, p. 22)

Essa preocupação com a “conduta moral” se evidenciava não apenas nos aspectos religiosos, mas também quanto à Pátria, as autoridades do Estado, o cumprimento dos deveres civis. Tais valores estão expressos no discurso realizado pela aluna Egiltina Reis, na ocasião do jubileu sacerdotal do Padre Caetano, no dia 30 de maio de 1922:

Mil vezes bendita seja a hora em que vos escolheu o nosso querido Brasil! Em nome de nossa Pátria amada, desta terra do Cruzeiro, em nome da cidade de Santa Maria e muito especialmente em nome do Colégio Sant’Anna, filho de vosso zelo ardente, eu vos agradeço os benefícios espirituais que vos vindes prestando. (O SANTAMARIENSE, dezembro de 1922).

Esses valores patrióticos eram expressos também no jornal *Faíscas*, fundado em 1943, e que, segundo MORO, visava informar o movimento da escola para os pais, divulgar os eventos, produção das alunas.



Figura 06 - Capa do jornal *Faíscas*
Fonte: MORO, V. (org.). **Sant'Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p. 25

Segundo ZUCOLO, o jornalzinho tinha um fundo político:

O Jornal do colégio, fundado em 1943, traz na sua primeira edição as qualidades do bom brasileiro:

- 1- O bom brasileiro oferece todos os seus sacrifícios, sofrimentos, alegrias e até a própria vida, tudo pela honra da pátria, triunfo da religião e glória da família.
- 2- Pratica com toda honestidade as funções públicas, é virtuoso e dedicado no lar.
- 3- De coração deseja ser a muralha de ferro para defender sua terra.
- 4- Com dignidade de um patriota respeita aos símbolos da pátria, o chefe da Nação, as leis, as autoridades.
- 5- Celebra, com amor, as datas históricas as datas nacionais, os fatos mais célebres que honram o nosso Brasil.
- 6- Ama a instituição, a liberdade, a educação, a moral, e, sobretudo umas das mais nobres virtudes verdade.
- 7- Trabalha com vigor para o progresso, para o desenvolvimento de sua Pátria.
- 8- Defende tudo que é digno de um brasileiro, digno da Pátria, e agradável a Deus, senhor do Mundo.
- 9- Com bondade e dedicação são caridosas para todos
- 10- Cumpre as leis da pátria e de nossa Santa Igreja.

Seguindo o mesmo raciocínio a autora comenta a respeito das iniciais das letras do jornal:

F de fé como voz interior que nos lembra a existência; **A** de aplicação com sentido de responsabilidade; **I** de idealismo, **S** de sinceridade como virtude que nos leva à perfeição moral, **C** de civismo, 'inclinação natural, terra em que nascemos fazendo com que amamos suas tradições, seus heróis, sua

língua e sua religião' ressaltando o sentimento nacionalista, A de alegria como prêmio das almas bem formadas', S de simplicidade a naturalidade com que praticamos nossos atos de virtudes e civismo.

O jornal também serviu para comunicar os jogos entre os colégios Sant'Anna e o Santa Maria. Quanto ao número de alunas, o jornal informa:

Em março, Deus abençoou o colégio com 606 alunas, 24 no curso ginásial, em seu início. No ano seguinte, com 640 alunas no todo. No ano de 1950 a matrícula foi de 801 alunos, nos anos seguintes. Em 1951, os números de matrículas foram crescendo 915, sendo 149 alunas internas. Em 1952 a matrícula foi de 961 alunas, número que subiu para 996 no fim do ano letivo; o número de alunas internas foi de 160 e de juvenistas, 26. Registra-se em 1952 a criação de modalidade de técnica de comércio no colégio, atingindo um número de 1324 alunas. (MORO, 2007, p. 27).

3.7 Consolidação e expansão da escola franciscana

Na década de 1940, ocorreu a criação da Biblioteca Gonçalves Dias, instituída pelas alunas internas, e, posteriormente, ampliada e reinaugurada com o nome de Biblioteca Ancila Domini.



Figura 07 – Alunas na biblioteca, na década de 1950.
Fonte: MORO, V. (org.). **Sant'Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p. 34.

No ano de 1955, ao completar 50 anos, foi lançado o hino da escola. Segundo a Irmã Maria Consuelo Silveira Neto, uma das fundadoras da escola, a letra do hino foi composta por uma aluna do terceiro ano Ginásial, Eloy Maria de Oliveira.

Seja este hino a alvorada vibrante,
Nas jornadas sem par dos escudos!
Companheiras, marchemos avante,
Tendo a fé e o saber por estudos!

O Sant 'Anna é segura muralha,
Desde os píncaros ao pedestal.
Pelejamos, que é certa a batalha,
Em defesa do nosso ideal.

JUVENTUDE O ESTUDO CONDUZ
ÀS CLAREIRAS SUPREMAS DA LUZ.

MOCIDADE O SANT'ANNA IRRADIA
OS LAMPEJOS DA SABEDORIA!

Que ao vibrar de nosso hino, o Sant'Anna,
Templo egrégio onde reina a instrução,
Mostre ao mundo que a glória dimana
Do trabalho, da paz, da oração.

Mas, se um dia cruéis agressores
Ao progresso vierem se opor,
Ao Colégio e aos professores,
Defendamos com todo o valor.

Neste ano de cinquentenário, também foi criada a bandeira que continha a seguinte descrição:

Nas cores vermelho verde e amarelo, esta simbolizada a Bandeira dos pagos gaúchos. No verde, amarelo, azul e branco, o glorioso Pavilhão Nacional. A árvore verde que cresce ereta, porque amparada pelas duas colunas básicas (símbolos do Lar e da Escola), é a CRIANÇA que, para desenvolver integralmente, encontra na educação RELIGIOSA, MORAL e CIVICA (as trevas vermelhas que as sustentam) os elementos necessários a essa formação. A lâmpada (símbolo da Virtude e da Sabedoria), sobre o livro (símbolo da Ciência), irradia Luz, buscada na fé (simbolizada no Círculo com o emblema de Cristo). (SILVEIRA NETO, 2005, in: MORO, 2007, p. 31).

Em 1953, com o apoio da Associação Pró-Ensino Superior de Santa Maria, a SCALIFRA-ZN assumiu como entidade mantenedora a criação da Faculdade Imaculada Conceição (FIC), voltada para os cursos de Filosofia, Ciências e Letras.

Aos 27 de abril de 1955, acontece na Catedral Diocesana a missa de ação de graças da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 'Imaculada Conceição' que, nessa data, teve sua Aula Inaugural, proferida pelo Revdo. Irmão José Otão. O Sant Anna orgulha-se de ter sido o berço acolhedor da FIC em 1955, conforme registros. (MORO, 2007, p. 33).

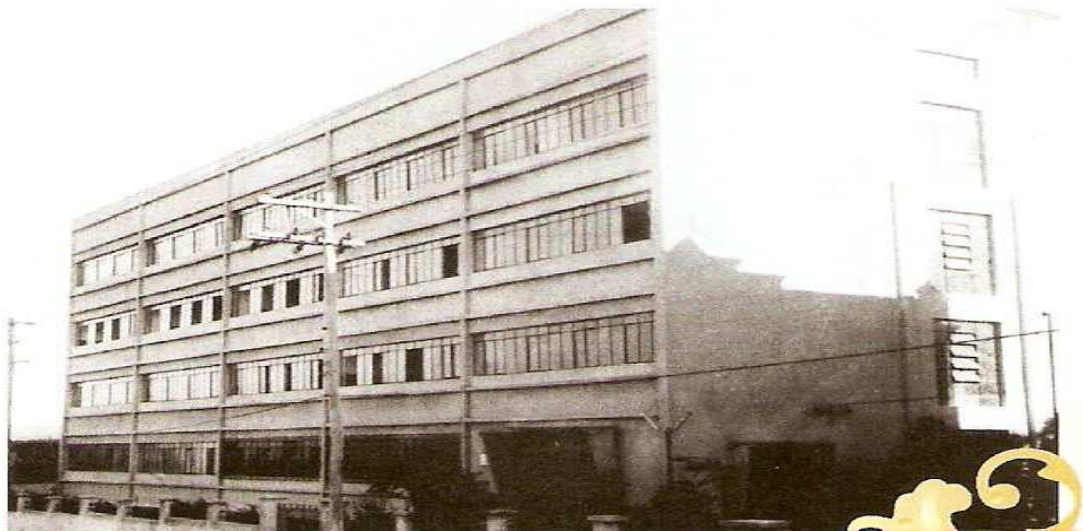


Figura 08 – Faculdade Imaculada Conceição – 1955
Fonte: MORO, V. (org.). **Sant'Anna: 100 anos de educação franciscana em Santa Maria.** p.33.

A instituição dá início a um conjunto de cursos superiores que serão o embrião de vários cursos da futura UFSM:

As Faculdades de Farmácia e Medicina na época, integrantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição, a Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira mantida pela SCALIFRA-ZN, juntamente com a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e a Faculdade de Direito de Santa Maria, mantidas pela Sociedade Meridional de Educação, formaram o embrião da tão desejada UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, hoje UFSM – Universidade Federal de Santa Maria criada pela Lei nº 3.834-C, de 14 de Dezembro de 1960. A lei que criou, em seu artigo 15, determinou a agregação da FIC e da FACEM á universidade por ela instituída. . (JORNAL DA UNIFRA, 2005, p. 8).

Essas realizações marcaram o início da dinamização do ensino superior em Santa Maria, um fator que impulsionou e ainda tem impulsionado o crescimento urbano da cidade e também o seu vigor. Entendemos que essa expansão das atividades de ensino foi um desdobramento das ações educacionais que tiveram origem na criação do Colégio Sant'Anna, em 1905. Na década de 1950, esta escola estava consolidada e se desdobrava em construção de faculdades de ensino superior. A criação da FIC/FACEM teve importantes implicações na cidade de Santa Maria e colaboraram para que a cidade, além de pólo de ensino secundário, se transformasse em cidade universitária. Uma característica da cidade que só tem aumentado desde então.

CONCLUSÃO

O trabalho procurou mostrar uma mudança da Igreja Católica no Brasil, ocorrida no final do século XIX, consolidada no início do XX, sob a orientação do ultramontanismo. Esta orientação política-espiritual, que se consolida no Concílio Vaticano I, informa o catolicismo do período.

É dentro dos marcos de renovação da Igreja que aporta no governo da paróquia de Santa Maria a Congregação Palotina. Padre Caetano será um dos importantes sacerdotes desta Congregação e assumiu o governo da paróquia em 1900 (ficando nela até 1937). Entende-se que a ação de Padre Caetano foi fundamento na consolidação da Igreja em Santa Maria, assim como da religiosidade católica sob orientação e controle do clero.

Entre as ações de Padre Caetano, destacaram-se aquelas voltadas para o campo educacional. A Igreja local favoreceu a chegada de Congregações – os Irmãos Maristas e as Irmãs Franciscanas – endereçadas para o trabalho educacional.

Mesmo que não tenham sido apontados todos os elementos do contexto sócio-econômico que caracterizavam a cidade no período, ressalta-se que a cidade estava em processo de crescimento – tendo em vista a expansão gerada pela ferrovia – e a Igreja atuou também nesse aspecto. O Ginásio Santa Maria e o Colégio Sant Anna, criados pelos Irmãos Maristas e pelas Irmãs Franciscanas, respectivamente, marcaram a cidade a partir de então.

O Colégio Sant'Anna foi emblemático nesse sentido. Seu público era o feminino e seu crescimento (quanto ao número de alunas) foi grande. Consolidou-se como escola ao mesmo tempo que as Irmãs eram chamadas para administrar e ministrar aulas na escola criada pela Cooperativa dos Ferroviários para as filhas dos seus empregados.

No Colégio Sant'Anna, o público de preferência, era inicialmente constituído por filhas de fazendeiros da região e também da Campanha. Era uma escola de elite. As filhas das classes menos favorecidas eram apenas atingidas pelos projetos de caridade cristã. Não eram os focos da atuação educacional das Irmãs.

Cabe referir ainda, que o colégio procurou e conseguiu se adaptar às regras escolares estabelecidas pelo Estado – como foi o caso da conformidade ao Colégio

D. Pedro II, do Rio de Janeiro.

Além da religião e da Igreja, a Pátria também era um valor cultuado na escola. A Igreja, se antes se confrontava com o Estado, passou a adequar-se a sua realidade e também a apoiá-lo.

Os valores da cristandade se difundiram a partir do Colégio – e isto se deu a partir de um processo educacional eficaz.

A proposta educativa do Colégio Sant' Anna está alicerçada numa concepção antropológica cristã e desenvolve uma educação que prepara para o futuro. O que podemos perceber ao longo da pesquisa, foi que o Colégio Sant'Anna desenvolveu-se muito no período estudado, entre os anos de 1905 e 1955. Cresceu em número de alunas, instalações físicas, e acompanhou as transformações do ensino escolar no Brasil, atualizando seu currículo e sua estrutura. A educação católica ajustou-se às propostas de educação proposta pelo Estado brasileiro e não se descaracterizou com isso. Sem descuidar da matriz religiosa católica, entendemos que o Colégio Sant'Anna foi – e continua sendo – um dos fatores centrais da permanência dos valores cristãos na sociedade santa-mariense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (Org.). **UNIFRA, 50 anos na educação brasileira: 1955-2005**. Santa Maria: UNIFRA [2005].
- _____. **SCALIFRA-ZN: conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006.
- BARROS, João. **A Educação Moral na Escola Primária**. [1914]
- BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria da Boca do Monte – 1797-1933**. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.
- BELTRÃO, Romeu. **Cronologia Histórica e Santa Maria e do extinto município de São Martinho – 1787-1930**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1979.
- BIASOLI, Vitor. A Igreja Católica na Quarta Colônia dos primeiros tempos. 130 Anos de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. **A Razão**, Santa Maria, 21-22 maio 2005.
- _____. **O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte – RS (1870-1920)**. Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em História Social). Universidade de São Paulo-USP, 2005.
- COLUSSI, Eliane Lúcia. **A Maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- DALLA CORTE, Inês. **Padre Caetano Pagliuca e sua atuação na comunidade Santa-mariense**. MONOGRAFIA (Especialização em História Administrativa e Social do Brasil). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição”, 1980.
- DREHER, Martin N. As religiões. In: PICOLLO, Helga & PADOIN, Maria Medianeira (orgs.). **Império**. História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 321-336.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento Educacional, 1996.
- FLORES, Luiz Felipe Baeta Neves. **O Altar e a Coroa Iluminada: A educação de colonos e Colonizadores**. EDUSF. 2003.
- HOONAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MORO, Valderesa. **Sant'Anna 100 anos de educação franciscana em Santa Maria: 1905-2005**. Santa Maria: UNIFRA, 2007.

PIPPI, Elisângela & STEFANELLO. A Educação sem a Cruz: a resistência maçônica e a reorganização católica no Rio Grande do Sul. **Sociais e Humanas**, Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, V.15, N.15P. 19-24. 2003

RIBEIRO, João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

VENDRAME, Máira Inês. **Harmonias ou conflituosas? As relações entre padres palotinos e a imigrantes italianos na Quarta Colônia Imperial**. Monografia de Graduação.Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2004.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no RS 1893-1928**.Santa Maria: Ed. UFSM; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

WERNET, August. **A Igreja Paulista no Século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.

ZUCOLO, Rosana Cabral.**A Educação das Mulheres em Regime de Internato: Colégio Centenário, Sant' Anna e Santa Maria, RS – 1930-1960**. Crônicas do Colégio: 1905, 1929, 1931, 1933, 1934,1935 e 1990.

Fontes primárias:

Jornal UNIFRA – CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO. Publicação comemorativa ao cinquentenário. Abril, 2005.

Livro Tombo da Catedral – Paróquia N.S. da Imaculada Conceição, Santa Maria, 1889 -1914.